

WITTMANN, Luisa Tombini. **O vapor e o botoque**: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926). Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007.

A história indígena revisitada: a experiência Xokleng

Indigenous History revisited: the Xokleng experience

Sandor Fernando Bringmann¹

Ao tematizar neste livro² a história dos contatos/conflitos entre as frentes de expansão da sociedade nacional e os grupos Xokleng do norte do Estado de Santa Catarina, Luisa Tombini Wittmann resgata uma temática que atingiu seu ápice acadêmico nas décadas de 1960 e 1970, quando antropólogos, etnólogos e historiadores uniram esforços para tentar trazer à tona o passado recente e o contexto atual dos grupos indígenas aos quais foram impostas as “benesses da civilização”. Autores como Darcy Ribeiro, com o livro *Os índios e a civilização*,³ Roberto Cardoso de Oliveira em *O índio e o mundo dos brancos*⁴ e Sílvio Coelho dos Santos, com sua obra mais conhecida, intitulada *Índios e brancos no sul do Brasil*,⁵ tiveram

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina; Bolsista CAPES/REUNI.

² *O vapor e o botoque* é fruto da dissertação de mestrado produzida pela autora, no Programa de Pós-Graduação em História da UNICAMP, sob o título original: *Atos do contato: histórias do povo indígena Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926)*, defendida em 2005.

³ RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986. Neste livro o autor faz um panorama geral sobre a situação dos grupos indígenas brasileiros frente ao fenômeno de integração à sociedade nacional e o impacto em suas línguas e costumes originais.

⁴ OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O índio e o mundo dos brancos**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1964. Estudando a problemática das relações interétnicas dos Tükuna com o homem branco, R. C. Oliveira mostra como este grupo passou de uma ordem tribal para uma ordem nacional. É neste livro que o autor utiliza pela primeira vez o polêmico termo “fricção interétnica”.

⁵ SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Índios e brancos no sul do país**: a dramática experiência Xokleng. Florianópolis: Edeme, 1973. A história do povo Xokleng de Santa Catarina é colocada de forma brilhante sob diversos aspectos no livro, desde os tempos anteriores ao contato com os colonizadores até as consequências contemporâneas da influência não indígena no seio das comunidades Xokleng remanescentes.

importante contribuição no estudo das populações indígenas do Brasil e, no último caso, de Santa Catarina.

Em *O vapor e o botoque* a autora procurou resgatar, através de fontes documentais, jornalísticas e orais, os principais acontecimentos que marcaram a história dos Xokleng do Vale do Itajaí a partir da instalação da Colônia de Blumenau em 1850.⁶ Buscou identificar também os desdobramentos resultantes da inserção de colonos em áreas tradicionalmente ocupadas por indígenas.

Apesar do intenso rigor metodológico e utilização maciça de fontes, Wittmann consegue produzir um texto de uma fluência invejável, com uma narrativa capaz de proporcionar grande prazer na leitura, mesmo a um leitor curioso ou desconhecedor da temática. A obra se insere em uma perspectiva thompsoniana de história cultural, viés em que as trocas, os conflitos, as negociações, as acomodações, as ressignificações, são analisadas como mecanismos formadores de uma identidade e não como um sistema rígido de formação e organização social, vislumbrado através de todo o dinamismo e vivacidade existente em sua conjuntura (p.23).

Para que uma construção histórica como esta seja possível, é fundamental estar atento ao que dizem as fontes, à sua interpretação, sobretudo porque estas fontes trabalhadas são unilaterais, ou seja, foram escritas por brancos e para os brancos. E, nesta questão, a autora se mostra extremamente consciente metodologicamente, pois demonstra grande segurança ao apresentar sua proposta de analisar as entrelinhas das fontes, investigando todos os indícios, sinais, vestígios e pistas que podem passar despercebidos a um primeiro olhar mais desatento (p.24).

Os atos do contato começam a ser apresentados no capítulo 1, “*(Des)encontros de dois mundos*”, no qual Wittmann vai descrever de que forma o “outro” passa a ser presença constante no universo Xokleng. Os estranhamentos decorrentes deste contato culminaram em constantes enfrentamentos entre os indígenas e os colonos. Neste ponto, a autora

⁶ A pesquisa de Luisa Wittmann foi iniciada no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva (AHJFS-Blumenau), onde se debruçou sobre periódicos de grande circulação no Vale do Itajaí no início do século XX, entre os quais estão os jornais *Der Urwaldsbote* e *Blumenauer Zeitung*. A revista *Blumenau em Cadernos*, que publica textos e documentos de época, também foi explorada como fonte de pesquisa. Os trechos dos relatórios provinciais citados ao longo do texto foram encontrados no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (APESC-Florianópolis). Outras instituições também foram pesquisadas para levantamento de fontes relevantes para o trabalho, como o Museu do Índio, no Rio de Janeiro, arquivos de colégios de Florianópolis e Blumenau, além das entrevistas feitas pela autora entre os anos de 2002 e 2004.

ressalta que seu objetivo não é salientar a dramática experiência dos colonos ou vitimizar os indígenas, mas sim, revelar a reciprocidade dos ataques que se sucederam ao longo deste processo de ocupação das terras do Vale do Itajaí.

Sobre os assaltos às áreas de colonização, Wittmann, como muitos poderiam esperar, não procura negar os assaltos indígenas; pelo contrário, ela confirma que foram frequentes as incursões dos Xokleng aos lotes coloniais e muitas foram as vítimas destes assaltos. Porém, revela a necessidade de se efetuar um balanço crítico das perdas humanas entre índios e não índios. Os relatos de memorialistas e do jornal *Blumenauer Zeitung* apontam dezenas de ataques dos indígenas às residências dos colonos. Estas incursões seriam motivadas principalmente para adquirir um bem muito precioso e desconhecido pelos Xokleng antes do contato: o ferro. Logicamente, estas ações foram condenadas pelas autoridades locais, que souberam utilizar a opinião pública para criar mecanismos de repressão aos assaltos dos índios. Foi assim que as *Companhias de Pedestres* ficaram encarregadas da segurança dos lotes coloniais.

Wittmann apresenta em seu livro uma faceta pouco explorada pelos pesquisadores da temática. Trata-se da identificação dos elementos que faziam parte destas “tropas”, quais seus objetivos, motivações, percepção dos seus atos. Ela destaca, como mais significativa, a figura de Martinho Bugreiro, líder de um grupo responsável pelo extermínio de centenas de índios entre o final do século XIX e início do século XX. Através de relatos orais e fontes documentais, a autora tira a máscara desta figura que, segundo afirmação sua, foi o indivíduo mais temido da história regional de Santa Catarina. Dados estatísticos levantados pela autora apontam que a ação dos bugreiros foi responsável pela morte de pelo menos 2/3 da população Xokleng desde o início da colonização (p.56).

Estes violentos episódios envolvendo colonos e indígenas tiveram importante destaque nos gabinetes oficiais da Província e posteriormente Estado de Santa Catarina e do município de Blumenau. Este pormenor é analisado no capítulo 2, denominado “Os Índios como tema de gabinete”. Nele, Wittmann discorrerá sobre a forma como as autoridades blumenauenses e catarinenses avaliavam a situação entre os Xokleng e os colonos.

A autora observa que, no início do século XX, a questão indígena levantava dúvidas opiniões entre os letrados do Vale do Itajaí. Alguns irão defender a assimilação pacífica dos Xokleng à civilização, como o médico humanista Hugo Gensch, e outros, como o advogado Eugen Fouquet, proclamarão a guerra de extermínio aos índios.

Os acalorados debates giravam em torno da obstaculização, representada pelos índios, ao advento da modernidade, que no Vale do Itajaí trazia como carro-chefe a energia elétrica, as fábricas e a Estrada de Ferro Santa Catarina. Com a construção desta última, iniciada em 1907, os territórios indígenas foram cortados, ironicamente, pelo objeto mais desejado pelos Xokleng. O trem, neste contexto, é visto pela autora como mais um instrumento de conflito e dominação (p.78).

Vemos reveladas no texto, com riqueza de detalhes, as investidas dos bugreiros nas matas, visando a “afugentar” os indígenas. Após estas expedições, retornavam para a cidade com os despojos de sua excursão: orelhas e objetos de índios assassinados eram expostos como troféus de guerra, assim como as mulheres e crianças indígenas trazidas como prisioneiras. Explorando esta situação, Luisa Wittmann revelará no capítulo 3, intitulado “Entre o giz e a espada”, o destino das crianças indígenas capturadas pelos bugreiros. A autora afirma que o destino mais frequente das crianças indígenas na cidade eram os conventos ou orfanatos, onde os mesmos eram batizados, em conformidade com a doutrina cristã. Esse destino podia ser temporário, caso alguma família distinta demonstrasse interesse pela adoção, ou permanente, fato mais frequente.

A dramática história destas crianças é narrada com grande sensibilidade por Wittmann. Em todo o texto, percebemos-nos envolvidos com as personagens descritas pela autora. Ela apresenta-nos a Korikrã, Francisco, Watt e Ana, pequenos Xokleng que conseguiram sobreviver às doenças e viveram intensamente uma vida nova, repleta de aprendizado, disciplina, angústias e poucas alegrias.

A historiadora chama a atenção para o fato de que no sul do Brasil a presença indígena é ocultada em detrimento da comemoração da imigração europeia (p. 150). As formas de vida, as táticas de sobrevivência, as negociações que envolveram o contato são ignoradas propositalmente, prevalecendo as velhas narrativas, tipicamente produzidas por uma história dos vencedores. O índio não é considerado protagonista, mas um mero coadjuvante de sua própria história.

Sobre a resistência indígena, aspecto marcante do livro, Luisa Wittmann dedicará o 4º. e último capítulo, “Paraíso dos trabalhadores, inferno dos vadios”, uma referência aos aldeamentos ou Postos Indígenas criados para pacificar e sociabilizar os Xokleng do Vale do Itajaí. Estes locais contaram com recursos do Estado e fizeram parte das políticas do Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais (SPILTN), criado em 1910. Os postos tinham como objetivo principal trazer

aos indígenas as luzes da civilização, através da religião, educação e do trabalho nos moldes ocidentais.

Um dos grandes personagens da história catarinense ganha destaque especial no livro de Luisa Wittmann. Trata-se de Eduardo Lima e Silva Hoerhann, célebre por seu trabalho de pacificação dos Xokleng. Hoerhann atuou na empresa de atração dos índios arredios, e através de seus métodos inovadores conseguiu exercer a tarefa com muito sucesso. Atuou também como diretor do Posto Indígena Duque de Caxias, onde tentou de todas as formas tornar os indígenas autossuficientes na produção de alimentos. A autora chama atenção para o fato de que, mesmo com o relativo sucesso do Posto Indígena Duque de Caxias, as coisas nem sempre funcionaram de acordo com a vontade de Hoerhann. Entramos aqui no campo da resistência aos novos padrões de vida e trabalho presentes nos Postos Indígenas. Através de cartas e entrevistas do próprio Hoerhann, a autora descobriu diversas formas de sublevação dos indígenas contra as novas concepções de trabalho, alimentação e organização social impostas pelos brancos.

O grande mérito de *O vapor e o botoque* é trazer ao leitor a percepção de que nem sempre novas experiências são assimiladas da mesma maneira por todos os grupos sociais. As formas de agir e de pensar dos diferentes sujeitos históricos – neste caso específico, entre colonos alemães e Xoklengs – são trazidas à tona através da pesquisa, para reforçar a necessidade de dar visibilidade aos excluídos da história, tornar audíveis suas atitudes e interpretações do mundo.

O livro de Wittmann, nesse sentido, tem um papel social importante, pois instiga o leitor ou pesquisador a fim ao tema a procurar novas formas de reflexão histórica e contribuir também para uma produção acadêmica que leve em conta as duas faces da moeda.